

Leonardo Affonso de Miranda Pereira<sup>1</sup>

*Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária*, de Edward Palmer Thompson<sup>2</sup>

Quando, em maio de 1987, apareceu no Brasil o livro *A Formação da Classe Operária Inglesa* — primeira das obras de E. P. Thompson traduzidas para o português — começava a definir-se entre os leitores brasileiros um perfil determinado para sua produção. A partir da instigante inspiração oferecida pela sua forma de fazer uma história da classe trabalhadora que, fugindo do olhar sobre ela projetado pelos grupos ilustrados, partisse de suas próprias experiências, ressaltou-se a imagem de um historiador comprometido com a história dos excluídos, uma “história vista de baixo”. As publicações de *Costumes em Comum*, traduzido e editado no Brasil em 1998, e dos ensaios reunidos nas *Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos*, em 2001, contribuíram para solidificar tal imagem — que têm feito de Thompson uma referência fundamental para muitas gerações de historiadores interessados nos costumes e modos de vida de sujeitos habitualmente distantes do mundo das belas letras.

Pois a recente tradução do livro *Os Românticos: a Inglaterra na era revolucionária* traz elementos que permitem um alargamento de tal perfil, resgatando uma parcela da produção de Thompson em geral pouco aproveitada nas suas apropriações brasileiras. Publicado originalmente em 1997, trata-se de um livro póstumo no qual sua mulher, Dorothy Thompson, reuniu parte importante de seus escritos sobre a literatura romântica produzida da Inglaterra do final do século XVIII. Compõe o volume palestras, resenhas e ensaios que têm como ponto em comum a tentativa de

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Teoria Literária, do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. leonardo@iel.unicamp.br

<sup>2</sup> THOMPSON, Edward Palmer. *Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002 [1997].

compreensão da trajetória literária de alguns dos mais destacados representantes do romantismo inglês, como Samuel Taylor Coleridge, William Wordsworth e John Thelwall — todos adeptos, em meados da década de 1790, dos ideais advindos da Revolução Francesa, que acabaram por abandonar em maior ou menor grau nos anos seguintes. Se, em livros cujas traduções já estavam disponíveis no Brasil, Thompson desenvolveu uma análise baseada na experiência dos trabalhadores, em *Românticos* sua atenção recai sobre autores que, ao menos naqueles anos revolucionários, faziam dessa gente comum tema constante de suas produções. Embora a importância atribuída a alguns desses escritores — Thelwall sobretudo — já se fizesse notar em obras como *A Formação da Classe Operária Inglesa*, tais artigos apontam para uma inversão de perspectiva. Ao invés de buscar entendê-los somente a partir das questões próprias ao mundo dos trabalhadores, Thompson assume a preocupação em compreender os pontos de vista de tais literatos nos embates e tensões que marcaram o período, expondo assim uma outra dimensão de suas análises sobre a relação entre esses diferentes grupos.

Não que a preocupação com a produção literária possa ser vista como algum tipo de novidade na trajetória de Thompson. Ainda na década de 1940, quando fazia graduação em Cambridge, a literatura já figurava junto à história como um de seus interesses principais.<sup>3</sup> Seu primeiro trabalho importante, publicado em 1955, foi uma biografia de William Morris, que além de ativista político era também membro destacado do romantismo inglês.<sup>4</sup> Os próprios artigos reunidos neste volume, produzidos em diferentes momentos a partir do final da década de 1960, indicam a constância de sua aproximação com o tema, o que o levava a fazer da literatura objeto constante de reflexão.<sup>5</sup> Tal interesse se estenderia até sua morte, em 1993 — quando foi publicado outro de seus livros de fôlego, tratando da produção poética de William Blake.<sup>6</sup>

<sup>3</sup> Cf. PALMER, B. *Edward Palmer Thompson: objeções e oposições*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 68.

<sup>4</sup> THOMPSON, E. P. *William Morris: romantic to revolutionary*. Stanford: Stanford University Press, 1988 [1955].

<sup>5</sup> Cf. FORTES, A.; NEGRO, A. L.; FONTES, P. Peculiaridades de E. P. Thompson. In THOMPSON, E. P.; NEGRO, A. L.; SILVA, S. (Org.). *Peculiaridade dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2001. p. 33-34.

<sup>6</sup> THOMPSON, E. P. *Witness against the beast: William Blake and the moral law*. New York: The New Press, 1993.

Mais do que caracterizar uma esfera diferenciada de seus interesses, que o afastaria da reflexão sobre a cultura popular e da militância política, tal atenção para com as questões literárias mostra o papel central a elas atribuído na construção de sua visão sobre o período que estudou. Parece compreensível, por isso, que Dorothy Thompson afirme, no prefácio, ser ele *uma parcela do que deveria ter sido um estudo de escopo muito mais amplo sobre o assunto* (p. 7), comparado por ela ao esforço de sistematização — realizado em vida — em relação às suas reflexões sobre a cultura popular na Inglaterra do século XVIII que resultara no livro *Costumes em Comum*. Se sua morte nos privou da chance de ler o trabalho completo, ao menos a publicação desses fragmentos nos permite vislumbrar os caminhos para os quais apontava sua reflexão sobre literatura — que, ainda segundo o prefácio, seria para ele “até mais importante” do que aquela sobre o mundo da cultura popular (p. 8).

Os motivos da importância atribuída por Thompson ao tema se esclarecem ao acompanharmos, no livro, o desenvolvimento de sua compreensão sobre a literatura. Se nos trabalhos já traduzidos por aqui se destaca uma forma inovadora de entender a classe trabalhadora e seus costumes, não menos instigante é a visão que constrói nesses artigos sobre os literatos e sua produção. Já no primeiro, intitulado Educação e Experiência, estão expostas as bases de uma análise que privilegia a relação entre literatura e experiência histórica. Tratava-se, originalmente, de uma *palestra dada em 1968, na qual ele apresenta, para uma platéia de não especialistas, algumas das idéias que fundamentaram sua história e seu estudo das vidas e das obras dos poetas românticos ingleses* (p. 9), como explica Dorothy Thompson. Para tratar do tema da educação de adultos, E. P. Thompson traça um paralelo entre sua própria realidade e a relação estabelecida pelos poetas românticos com a vida e os costumes dos camponeses ingleses do final do século XVIII, longamente analisados por ele. Mais do que apresentar a (ainda hoje) instigante reflexão específica proposta pelo autor — que aponta para a necessidade de uma educação que se forme da inter-relação entre a experiência daqueles para os quais ela se destina e as questões próprias aos debates intelectuais — o ensaio serve no volume como uma espécie de apresentação do problema, cujos desdobramentos estarão presentes em todos os artigos restantes.

Thompson não teoriza sobre literatura: mostra, em sua análise, como ela se insere na sociedade, participa de seus movimentos e ajuda a conformar a realidade, ainda que sem abrir mão de seus intuitos artísticos. *Edward percebia uma grande variedade*

*de formas de expressão literária, não como 'ilustrativas' dos movimentos que estava estudando, mas como parte essencial destes* (p. 7), esclarece Dorothy Thompson no prefácio do volume. O que busca na produção desses escritores não são assim apenas debates etéreos, mas o modo pelo qual eles se relacionaram com as questões mais gerais que constituíam a sociedade. Como os trabalhadores que analisa em outros livros e artigos, os literatos são também apreendidos a partir de sua experiência.

Tal reflexão é aprofundada no artigo seguinte, *Desencanto ou Apostasia? Um Sermão Leigo* — outra palestra ministrada em 1968, dessa vez para um público universitário. Ao discutir os limites entre o desencanto dos escritores românticos no final da década de 1790 com os ideais e a luta humanista da qual participavam anos antes e a postura posterior de abandono e negação desses princípios, Thompson retoma a discussão inicial, dando contornos mais nítidos à relação que postula entre literatura e experiência. Nesse sentido, aponta a necessidade de que a análise literária parta da compreensão das redes e tensões sociais mais amplas a partir das quais são forjados os poemas e romances. Entender essa dimensão da obra literária seria, para ele, condição básica para a sua avaliação, o que o leva a explicar as distorções que vê na fortuna crítica de alguns dos autores estudados o fruto da *pouca atenção dada à verdadeira experiência histórica vivida* (p. 52).

*Se os críticos exigem apropriadamente uma disciplina de leitura (palavras dispostas numa ordem), os historiadores deviam, com o mesmo direito, exigir sua própria disciplina (palavras num contexto)* (p. 172), afirmava, alguns anos depois, em outro dos artigos presentes no livro. Não cobrava, com isso, uma aproximação entre crítica literária e história que fosse mecânica e pontual. Negando-se a ver no contexto um mero pano de fundo da produção das obras literárias, que por mais que as influenciasse seria delas descolado, mostrava não atribuir a ele qualquer exterioridade. Após analisar alguns momentos específicos da produção de certos poemas de Wordsworth e Coleridge, afirmava que a experiência dos autores pode ajudar até mesmo *a entender um pouco a forma de seus escritos* (p. 72) — diferenciando-se das concepções que buscam nas realidades vividas pelos autores apenas a referência a conteúdos específicos e pontuais. Dimensões indissociáveis de um mesmo processo, texto e contexto deveriam, para Thompson, ser analisados em conjunto, levando-se em conta suas influências recíprocas.

Entretanto, a afirmação do elo entre experiência e literatura não faz com que Thompson se abstenha de discutir o valor estético da obra literária. Embora aponte para a conveniência de que os poemas e romances sejam interpretados a partir de seus contextos de produção, nem por isso nega a possibilidade de que eles sejam submetidos a avaliações críticas. Opondo-se a tal relativismo, trata de demonstrar, ainda que de forma indireta, as concepções que sustentam suas avaliações sobre a qualidade das obras literárias. Para ele a força de um texto viria justamente da sua capacidade de exprimir internamente as questões e embates sociais de seu tempo. Por mais que toda produção letrada esteja ancorada em determinados contextos, a boa literatura seria aquela que conseguisse expressar suas tensões — baseando-se não em conteúdos, mas em sentimentos, em experiências vividas: *Boas perspectivas raramente produzem boa poesia, sejam essas perspectivas aprovadas pela Igreja Anglicana ou pela vanguarda da classe trabalhadora* (p. 93), afirma Thompson ao criticar um momento da produção de Wordsworth no qual ele teria se distanciado de sua sensibilidade. Mostra com isso ver o valor de uma obra não na posição que ela adota, mas na sua capacidade de, em um mesmo movimento, expressar e dialogar com as tensões de seu tempo.

Não se trata assim, para Thompson, de autonomizar a esfera da experiência, cuja ênfase não deve excluir a dimensão intelectual e artística do processo de compreensão do texto literário. É o que ele mostra em *A Crise de Wordsworth*, terceiro artigo do livro — publicado originalmente em 1988 como uma resenha a uma biografia do literato, de autoria de Nicholas Roe. Ao analisar criticamente o trabalho, ele sugere a necessidade de que a atenção à trajetória dos autores esteja em diálogo constante com a análise da produção literária do período. Não é, segundo Thompson, o que faz Roe: *sua história é mais biográfico-literária do que intelectual e ele passa ao largo de trabalhos importantes em história da intelectualidade* (p. 106). Indica, com isso, que a atenção à experiência não se fecha em si mesma, devendo se ligar a um diálogo com debates intelectuais mais amplos — sendo um equívoco simplesmente deixar de lado a compreensão das questões próprias ao mundo letrado para valorizar somente a dimensão da experiência, como apontou já no primeiro artigo ao atentar para o risco da sua essencialização. Thompson distancia-se, com isso, de uma visão que simplesmente negue o valor de tais debates intelectuais, concebendo a relação entre literatura e experiência de forma dialética.

Resulta de tais concepções, que perpassam todo o livro, uma compreensão da literatura e dos literatos que tem, como um de seus pontos fundamentais, a importância atribuída ao movimento da produção de cada autor. Se a relação ente literatura e sociedade já tem sido objeto de constantes e ricas reflexões por parte de uma infinidade de autores, a historicização radical da produção literária proposta por Thompson aponta para a fragilidade de interpretações que tentam construir para certos escritores uma visão totalizante. É o que indicam, por exemplo, as três resenhas que escreveu quando da publicação de volumes sucessivos das obras completas de Samuel Taylor Coleridge. *Como Coleridge escreveu vários poemas de valor (a maioria antes de 1800) [...] muitos vieram a supor que tudo o que ele fez deve ter muito valor, e que seus mais rotundos clichês devem ser profundos*, afirma Thompson em uma delas (p. 204). *Não o são*, sustenta logo em seguida, chamando a atenção para a necessidade de compreensão dos contextos específicos em que foi produzida cada obra. Indica com isso como a produção de Coleridge sofria substanciais modificações de acordo com as circunstâncias por ele experimentadas, sendo um erro julgá-la de uma forma unívoca. O mesmo serve para John Thelwall, que tem sua trajetória analisada no artigo Caçando a Raposa Jacobina, sempre em paralelo com os debates intelectuais com os quais teve contato em cada momento. Ao realizar uma discussão densa e cuidadosa das trajetórias desses autores, Thompson acaba por caracterizar seus movimentos e transformações como dimensões fundamentais da análise literária.

De tais reflexões sobre a relação entre a literatura e a história resulta, desse modo, a possibilidade de atribuímos coerência às diferentes dimensões da produção intelectual de E. P. Thompson. Sem constituir uma parte tópica e isolada de suas preocupações, tais estudos sobre a literatura romântica inglesa possuem profunda ligação com as dimensões de sua obra mais reconhecidas no Brasil. Aproximados pelo viés da experiência, o interesse pela cultura popular na Inglaterra do século XVIII e a obstinação pela produção de seus poetas românticos têm, como ponto em comum, a tentativa de compreensão de um momento marcante da crise do paternalismo inglês — localizado por ele em meados da década de 1790. Ao fazer a crítica à expansão voraz do capitalismo, em sua sanha de mercantilizar até mesmo as relações humanas, os autores românticos permitiram a Thompson o estabelecimento de um contraponto à lógica do economicismo do próprio Marx, que teria se enredado na teia da economia política que criticava. A

literatura que produziram o ajudou a entender que a indignação dos trabalhadores não se voltava apenas contra o baixo salário, mas também contra as mudanças que iam fazendo do dinheiro o meio de troca universal.

Longe de simplesmente espelhar tal crise, os textos literários que analisa teriam ajudado na sua conformação. À ação e a experiência dos próprios trabalhadores, Thompson soma as de literatos que, naquele momento, participaram ativamente do processo de acirramento de tensões que caracterizaria aquela crise do paternalismo — ainda que, em um momento posterior, tenham abandonado tais ideais. Lidos em paralelo com outros de seus trabalhos sobre o mesmo período, os artigos reunidos em *Os românticos* esclarecem uma dupla dimensão de sua produção: por um lado, eles apontam para as vantagens de se tentar entender a cultura popular e o processo de formação da classe trabalhadora inglesa em consonância com os debates intelectuais e literários do período, cujas questões e objetos aproximaram-se muitas vezes da experiência desses homens comuns; por outro, indicam como esse mundo letrado também não pode ser inteiramente compreendido desconsiderando-se essa dimensão social mais ampla de sua produção, na contextualização radical de obras e autores. As análises da experiência dos trabalhadores e da produção dos literatos aparecem, no fim das contas como duas faces de um mesmo movimento, constituindo uma forma muito mais elaborada de análise do processo histórico do que aquela muitas vezes imputada a Thompson.

Por fim, é interessante atentar para a possibilidade de ler *Os Românticos* a partir do mesmo cuidado em relacionar escrita e experiência desenvolvido pelo próprio autor nos artigos reunidos no livro. Como já notaram trabalhos recentes, a biografia do próprio Thompson foi marcada pela imbricação entre a história estudada e a história vivida. Tal relação apareceria de forma especialmente clara nas suas análises sobre literatura, marcadas pela busca de uma “tradição da dissidência”.<sup>7</sup> Como dissidente do Partido Comunista Inglês, do qual se desligou em 1956 junto com outros intelectuais por discordar dos rumos tomados pelo partido sob o stalinismo, mostrava identificar-se com escritores como Wordsworth e Coleridge. Parecia ver nos conflitos enfrentados por

---

<sup>7</sup> FORTES; NEGRO; FONTES, op. cit., p. 22-23.

tais autores — nos quais o entusiasmo revolucionário, baseado nos ideais da Revolução Francesa, sucumbiu no final da década de 1790 frente aos rumos da política na França e à guerra entre esta e a Inglaterra — uma grande similaridade com sua própria situação no final da década de 1960, quando escrevia alguns desses artigos. *Fica bastante óbvio, nessa história, um certo paralelo com os nossos próprios tempos*, reconhece em uma das palestras proferidas em 1968. Ainda que negue as “comparações fáceis” (como as que associam de forma direta as revoluções francesa e russa, o godwinismo e o marxismo, etc.), afirma que *como assunto mais geral de um ‘processo’ histórico, de revolução e reação, de lealdades divididas, de visões universais e realidades limitadoras, de engajamento e desencantamento, o paralelismo permanece* (p. 96).

Não deixa mesmo de identificar na postura de alguns de seus contemporâneos — que, desiludidos com os rumos do marxismo, assumiam um discurso conservador e reacionário — uma grande semelhança com posições como as de Coleridge, que frente ao bonapartismo teria renegado sua luta de modo *desleal, egocêntrico e totalmente irresponsável* (p. 205). Ao analisar a trajetória de Thelwall, volta ainda a falar dos *perigos que se abatem sobre os reformistas que permitem que suas esperanças e estratégias políticas fiquem por demais envolvidas com o resultado dos acontecimentos em outros países*, vendo muitos exemplos disso em sua própria época (p. 273). Portanto, ao tratar da literatura inglesa do século XVIII não deixava também de expressar e intervir nas questões de seu tempo, fazendo da obra um testemunho dos dilemas e desilusões que marcavam sua própria trajetória.

A recente publicação de *Os Românticos no Brasil* pode assim incrementar não somente os debates a respeito da relação entre literatura e história social, mas também a forma pela qual tem sido muitas vezes entendida e analisada a obra do próprio Thompson. Não se trata, porém, de leitura fácil. Composto por textos escritos para o público inglês, que pressupõe um amplo conhecimento da história e da literatura local, o livro aborda por vezes questões muito distantes da maior parte dos leitores brasileiros, sem que a edição se preocupe em dar sobre elas maiores explicações e contextualizações. Por outro lado, a própria natureza do volume original — organizado através da junção de artigos sobre o tema geral escritos em diferentes momentos, sem a unidade de uma obra de fôlego — torna por vezes as análises um tanto reiterativas. Some-se a isso os inevitáveis problemas da tradução, prejudicada pela ausência de uma revisão técnica mais cuidadosa, feita por

especialistas da área, o que acaba tornando por vezes de difícil compreensão um texto originalmente fluente e bem escrito. Nada disso é suficiente entretanto para anular o prazer da leitura. Vencidos tais obstáculos, fica a chance de acompanharmos, tal como fez o próprio Thompson em relação aos autores românticos que analisa, os caminhos em que se cruzam no livro a experiência e o intelecto — na busca não de respostas definitivas e fechadas sobre as questões que analisa, mas de inspiração para enfrentar problemas e aprofundar reflexões que continuam, ainda, atuais e instigantes.